

Editorial

CARTA DO EDITOR

Prezado (a) leitor (a),

Estamos publicando a edição do Volume 3 da Revista “Cadernos do Cáucaso” do ano de 2020. Este ano ficará gravado na memória desta e de outras gerações como o ano maldito do SARS-COVID-19, ou o ano da pandemia do coronavírus. No momento do lançamento desta edição, o número de doentes superou 100 milhões de pessoas no mundo e as mortes já ultrapassaram dois e meio milhões de pessoas, ou seja, equivalente ao número dos mortos durante um ano da Primeira Guerra Mundial. No Brasil, o número dos casos de contaminação ultrapassou dez milhões e o número dos mortos chegou a 350 mil pessoas. Não é por acaso que fazemos a comparação da pandemia com a guerra. Estamos vivendo uma guerra travada entre o vírus e a humanidade. Por enquanto estamos perdendo-a, mas a invenção e o lançamento de vacinas estão nos dando a esperança de podermos vencê-la. Dedicamos esta edição à memória dos que passaram e dos que vêm enfrentando o mal com seus esforços heróicos e incansáveis, como médicos, enfermeiros, outros profissionais de saúde, assim como todos que vêm desempenhando serviços essenciais à população brasileira neste tempo difícil e cruel.

Devido às complexidades da situação pandêmica no país e na instituição universitária, o Volume 3 não saiu como volume avulso de um número só, mas uniu dois números da Revista – números 4 e 5. O número 4 reuniu artigos do estudo temático do Laboratório de Estudos dos Países do Cáucaso sobre a Guerra Fria com a ênfase na problemática caucasiana. O número 5 contém artigos avulsos, dedicados à memória da Segunda Guerra Mundial, ao assunto da história internacional recente do Cáucaso e sua relação com o Brasil.

O tema do número 4 do Volume 3 da Revista é a Guerra Fria. Após o seu “fim” no final dos anos 80 – início dos 90, a Guerra Fria está de volta no discurso da política internacional nos últimos anos. O tema provoca atenção acadêmica não somente pela razão da reincidência de tendências semelhantes ao confronto anterior, mas também por causa da pertinência do tema aos estudos internacionais, em geral, e aos das políticas externas das grandes potências, antigas e novas, em particular. O estudo deste tema em termos históricos e teóricos foi o objeto dos trabalhos do Grupo de Pesquisa de Política Internacional e do Laboratório de Estudos dos Países do Cáucaso, ambos da UFRJ, que logrou durante os anos 2019-2020 produzir textos acadêmi-

cos que examinaram o impacto deste fenômeno da política internacional sobre o Cáucaso.

O número 4 do Volume 3 começa com o artigo geral sobre o tema da Guerra Fria “A Guerra Fria, uma nova Guerra Fria: debates historiográficos e teóricos”, de autoria de Alexander Zhebit, em que são sistematizados debates sobre a responsabilidade das superpotências pela eclosão e pela condução da Guerra Fria, analisadas com base em leituras historiográficas. O lado historiográfico do artigo é correlacionado com o lado teórico que reúne debates paradigmáticos conceituais das relações internacionais, referentes às causas da origem da Guerra Fria e às suas repercussões na política internacional. Observa-se o estado ainda inconclusivo dos estudos sobre o fenômeno da Guerra Fria e o seu “fim” e anota-se que os padrões da condução da Guerra Fria, de 1947 a 1990, assemelham-se com os arquétipos do confronto, desencadeado pelos Estados Unidos e seus aliados contra a Rússia e a China no início do século XXI numa nova Guerra Fria.

O artigo “A Turquia e o Irã na política externa estadunidense para o Oriente Médio durante a Guerra Fria”, de autoria de Lucca Simonetti Munhoz, examina doutrinas da Guerra Fria, na sua fase inicial, empregadas na política externa dos Estados Unidos a fim de conter a influência soviética no Cáucaso e no Oriente Médio. Afirma-se neste estudo que os pilares fundamentais para a sustentação da estratégia estadunidense para o Oriente Médio e o Mediterrâneo Oriental passaram a ser a Turquia e o Irã, relacionados por meio do bloco político-militar da Guerra Fria CENTO, ou Pacto de Bagdá, e que serviram como peças essenciais na doutrina de contenção da União Soviética no Cáucaso, no Mar Negro e no Oriente Médio.

O artigo “O Irã na confluência geopolítica da União Soviética e dos Estados Unidos durante a Guerra Fria”, de coautoria de João Victor Viana Santos, Alexander Zhebit e Fernando Velôzo Gomes Pedrosa, abrange um período mais longo da Guerra Fria que se estende aos anos 80 do século passado e se trava na região do Cáucaso. Este artigo analisa a inserção do Irã no jogo de interesses dos Estados Unidos e da União Soviética na Guerra Fria. O Irã foi o primeiro cenário de tensão no início da Guerra Fria, quando a União Soviética postergou a desocupação do norte do Irã após o fim da Segunda Guerra Mundial e se tornou alvo das pressões estadunidenses, que se apresentaram por meio do aumento da presença naval no Mediterrâneo Oriental e da ameaça de uso de armamento nuclear, somados à pressão norte-americana no Conselho de Segurança das Nações Unidas. O Irã também foi o palco de eventos que tiveram uma relação íntima com a Guerra Fria, como o golpe estadunidense de 1953 contra Mosaddeq, a instalação do governo do Xá Mohammad Reza Pahlavi, a adesão ao Pacto de Bagdá, o seu papel na Doutrina Eisenhower, em uma estratégia estadunidense de “contenção” da URSS, seguida depois pelos acontecimentos de porte no Oriente Médio, como a Revolução Iraniana de 1979 e a Guerra Irã-Iraque, que extravasaram o desígnio da Guerra Fria.

O número segue com o artigo “Conexões instáveis: a teoria da solidariedade global provisória”, de autoria de Marcelo Coutinho, em que se apresenta uma proposta teórica inovadora para o estudo da política internacional, baseada na definição de solidariedade por interdependência, com o intuito de explicar a nova Guerra Fria, já em andamento entre os EUA e a China. A teoria da solidariedade global provisória, baseada em conceitos sociológicos, de Durkheim a Bauman, bem como em correntes pós-positivistas, é utilizada para explicar relações internacionais a partir de transformações no comportamento humano, provocadas pelas novas tecnologias digitais disruptivas.

O número termina com o estudo, realizado por Marcelo Coutinho, junto com um grupo de alunos do Curso de Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais e Defesa “Pesquisa qualitativa “uma nova Guerra Fria”. Foi um estudo qualitativo com entrevistas em profundidade, abordando temas, relativos à nova Guerra Fria entre os EUA e a China, dada já como uma realidade por vários autores. O estudo é publicado em fascículo separado do Nº 4, Vol. 3.

Colocamos os artigos para sugestões, discussões e avaliações críticas dos nossos leitores e desejamos boas leituras.

Rio de Janeiro, abril de 2021

Prof. Dr. Alexander Zhebit